



**LER E ESCREVER COM ESTILO: ATUAÇÃO DO PROFESSOR NO ENSINO FUNDAMENTAL II**

**READ AND WRITE IN STYLE: TEACHER'S PERFORMANCE IN ELEMENTARY SCHOOL II**

**LEER Y ESCRIBIR CON ESTILO: DESEMPEÑO DEL MAESTRO EN LA ESCUELA PRIMARIA II**

Eny Araújo de Paula Teófilo<sup>1</sup>, Leonardo Barroso de Melo<sup>2</sup>

e432850

<https://doi.org/10.47820/recima21.v4i3.2850>

PUBLICADO: 03/2023

**RESUMO**

O problema que motivou este estudo surgiu quando se percebeu que os professores da escola foco da pesquisa não possuem, como principal preocupação, o foco da leitura e escrita em sala de aula, o que deixa o ensino com deficiências, talvez por acomodações ou por possuírem pouco domínio. Baseado nisso, esse trabalho tem como objetivo geral: Analisar os professores das séries iniciais bem como os recursos que os apoiam. E como objetivos específicos: Descrever pontos relevantes que envolvem a formação do professor das series iniciais e desenvolver a leitura e a escrita numa concepção reflexiva para os alunos das series iniciais, utilizando uma discussão teórica sobre o tema. Levando isso em consideração, concluímos que a leitura e a escrita estão em toda parte, as crianças começam a entrar em contato com o mundo letrado muito cedo, haja vista a maioria dos objetos que estão a sua volta se tornam fontes inesgotáveis de estímulos direcionados à alfabetização. Finalizando esta consideração, podemos dizer que se espera que os apontamentos aqui registrados possibilitem evidenciar embriões para a qualificação dos professores que trabalham com as séries iniciais e que formam leitores e escritores, permitindo apontar reflexões para possíveis redirecionamentos. Compreendemos que a leitura deste texto, assim como de outros, irá complementar, proporcionando elementos para redimensionar os pensamentos. Criando novas ideias, como repensar, se for necessário, as atividades educativas dos professores.

**PALAVRAS-CHAVE:** Alfabetização. Leitura. Infantil. Teórico.

**ABSTRACT**

*The problem that motivated this study arose when it was realized that the teachers at the school that was the focus of the research do not have, as their main concern, the focus on reading and writing in the classroom, which leaves teaching with deficiencies, perhaps due to accommodations or because they have little domain. Based on this, this work has the general objective: To analyze the teachers of the initial series as well as the resources that support them. And as specific objectives: To describe relevant points that involve the formation of the teacher of the initial series and to develop reading and writing in a reflexive conception for the students of the initial series using a theoretical discussion on the subject. Taking this into account, we conclude that reading and writing are everywhere, children begin to get in touch with the literate world very early, given that most of the objects around them become inexhaustible sources of incentive aimed at literacy. Concluding this consideration, we can say that it is expected that the notes recorded here will make it possible to highlight embryos for the qualification of teachers who work with the initial grades and who form readers and writers, allowing to point out reflections for possible redirections. We understand that reading this text, as well as others, will complement, providing elements to resize thoughts. Creating new ideas, how to rethink, if necessary, the educational activities of teachers.*

**KEYWORDS:** Literacy. Reading. childlike. Theoretical.

**RESUMEN**

*El problema que motivó este estudio surgió cuando se percibió que los docentes de la escuela objeto de la investigación no tienen como principal preocupación el enfoque de lectura y escritura en el aula, lo que deja la enseñanza con carencias, quizás por acomodaciones o porque tienen poco dominio. En*

<sup>1</sup> Universidad De La Integración De Las Américas.

<sup>2</sup> Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia - INPA.



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

LER E ESCREVER COM ESTILO: ATUAÇÃO DO PROFESSOR NO ENSINO FUNDAMENTAL II  
Eny Araújo de Paula Teófilo, Leonardo Barroso de Melo

*base a ello, este trabajo tiene como objetivo general: Analizar a los docentes de la serie inicial así como los recursos que los apoyan. Y como objetivos específicos: Describir puntos relevantes que involucran la formación del docente de la serie inicial y desarrollar la lectura y la escritura en una concepción reflexiva para los estudiantes de la serie inicial utilizando una discusión teórica sobre el tema. Teniendo esto en cuenta, concluimos que la lectura y la escritura están en todas partes, los niños comienzan a entrar en contacto con el mundo alfabetizado desde muy temprano, dado que la mayoría de los objetos que los rodean se convierten en fuentes inagotables de estímulos destinados a la lectoescritura. Concluyendo esta consideración, podemos decir que se espera que los apuntes aquí registrados permitan resaltar embriones para la calificación de docentes que trabajan con los grados iniciales y que forman lectores y escritores, permitiendo apuntar reflexiones para posibles reorientaciones. Entendemos que la lectura de este texto, así como de otros, se complementará, aportando elementos para redimensionar pensamientos. Crear nuevas ideas, cómo repensar, si es necesario, la actividad educativa de los docentes.*

**PALABRAS CLAVE:** Alfabetización. Lectura. Infantil. Teórica.

### INTRODUÇÃO

A leitura é um processo de criação e descoberta, dirigido ou guiado pelos olhos perspicazes do escritor, pois esse faz ver, ilumina e conduz o leitor a esferas mais amplas e profundas de percepção. A boa leitura é aquela que, depois de terminada, gera conhecimentos, propõe atitudes e analisa valores, aguçando e refinando os modos de perceber e sentir a vida por parte do leitor. É preciso cada vez mais se preocupar com a formação dos leitores e escritores.

Isso se verifica, principalmente, no que diz respeito à importância dispensada à aquisição da leitura para que o aluno possa alcançar a categoria leitor e não simples decodificador. Concorde-se, neste momento, que a leitura, mesmo sendo feita pela mesma pessoa, pode mudar de acordo com o tempo, mas, durante esse “tempo inicial”, quem possui maior ingerência nesse processo é o professor, considerando, é claro, os anos iniciais da escola como base de formação de cada cidadão.

Comunicar-se por meio da linguagem escrita é prática comum em uma sociedade. Na maioria das situações cotidianas vivenciamos o uso da escrita: nas placas de ruas e ônibus, nos letreiros, nos anúncios, nas lojas, nas embalagens dos produtos, nos folhetos informativos, na televisão, no cinema, nos livros, nos jornais, nas revistas etc. Assim, desde a mais tenra idade habituamo-nos a esse modo de comunicação e interagimos com ele de forma ativa, observando, questionando, formulando hipóteses e tirando conclusões.

O contato com a linguagem escrita confere às crianças, muito antes de seu ingresso na escola, certo grau de letramento, visto que começaram a incorporar, a cultivar práticas sociais que requerem o uso da escrita (SOARES, 2007).

Entretanto, há que se considerar que nem todas as crianças vivenciam a mesmas práticas, já que são distintas em função dos grupos sociais dos quais fazem parte e nos quais circulam. Prova disso é que muitas crianças que não tiveram oportunidade de frequentar uma escola de educação infantil de qualidade, e cujos pais não contam histórias, não leem livros, jornais ou revistas e não frequentam ambientes que fazem uso social da leitura, chegam à escola com um grau restrito de letramento.



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

LER E ESCREVER COM ESTILO: ATUAÇÃO DO PROFESSOR NO ENSINO FUNDAMENTAL II  
Eny Araújo de Paula Teófilo, Leonardo Barroso de Melo

Essas condições desconfiáveis ao contato com a leitura e escrita, especialmente em um país em desenvolvimento como o Brasil, são fatores que impedem ou diminuem o acesso a inúmeros benefícios e direitos de que todo indivíduo deveria gozar (SEMEGHINI-SIQUEIRA, 2011).

Além disso, é importante ressaltar que a era da informação e do conhecimento na qual vivemos atualmente imprimiu à prática leitora e escritora um novo significado. Se antes essas práticas eram privilégio de uma elite, hoje se tornaram ferramentas indispensáveis para que qualquer cidadão transite socialmente.

Baseado nisso, esse trabalho tem como pergunta central: Como o professor das séries iniciais pode contribuir efetivamente para que os estudantes consigam realizar uma ação leitora e escrita significativa? E para isso foram desenvolvidas as seguintes perguntas específicas: Quais as maiores dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita? Quais as habilidades de leitura e escrita relevantes ao aluno com deficiência no aprendizado?

Tendo como objetivo geral: Analisar o que está sendo ministrado em sala de aula, e os envolvidos diretamente neste processo – Os professores das séries iniciais bem como os recursos que os apoiam. Para tratar dessa temática elencou-se alguns objetivos específicos: Descrever pontos relevantes que envolvem a formação do professor das séries iniciais e desenvolver a leitura e a escrita numa concepção reflexiva para os alunos das séries iniciais.

Será utilizada uma perspectiva teórica para a discussão, apoiada nos trabalhos de Paulo Freire, Maria Helena Martins, Jean Piaget, Lev Vygotsky, entre outros.

### LEITURA E ESCRITA: SEUS CONCEITOS

Dentre a pluralidade de sentidos atribuídos à leitura, destacam-se duas concepções: A leitura pode ser entendida como mera decodificação de letras, palavras, frases etc.

Nesta perspectiva, alfabetizar um aluno significa treinar sua memória e coordenação motora, pois é suficiente que o leitor estabeleça correspondências mecânicas entre os sinais gráficos e os sons da linguagem para que o ato da leitura se concretize. Assim, de acordo com Kleiman (1993), a escola, vem adotando essa concepção avalia somente a decifração, mas não ensina a ler.

A leitura pode ser concebida como construção do sentido do texto, na qual se pressupõe um leitor ativo que interage com o autor por meio do texto, produzindo, criando sua própria leitura. Essa segunda concepção nos remete à leitura como um processo construtivo, no qual o leitor, a partir de seus conhecimentos prévios, de mundo e linguísticos, e de seus objetivos, constrói sua compreensão.

Trata-se, nesse sentido, de uma atividade complexa, um processo abrangente de “decodificação de signos e de compreensão e inteligência do mundo que faz rigorosas exigências ao cérebro, à memória e à emoção” (GARCEZ, 2001, p.23), no qual diferentes aspectos estão presentes: neurofisiológico, cognitivo, afetivo, entre outros.

Piaget (1978), ao discorrer sobre os estágios de desenvolvimento da inteligência e da afetividade, considera que toda ação em direção a um objeto do conhecimento é fruto de um



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

LER E ESCREVER COM ESTILO: ATUAÇÃO DO PROFESSOR NO ENSINO FUNDAMENTAL II  
Eny Araújo de Paula Teófilo, Leonardo Barroso de Melo

interesse, de uma necessidade que impulsiona o sujeito a agir frente a um estímulo externo, levando-o à aproximação, à exploração, e ao manuseio deste objeto em busca de uma satisfação interna.

Em outras palavras, todo pensamento, sentimento ou movimento humano tem sua origem na necessidade e no interesse. São eles que desencadeiam a ação de um indivíduo e possibilitam o desenvolvimento de estruturas mentais cada vez mais complexas. Dessa forma, de acordo com Saisi (2002, p. 418):

Um mesmo livro irá despertar interesse diferenciado na mesma criança conforme seu estágio de desenvolvimento. Ela poderá manipulá-lo rasgando-o ou rabiscando-o aos dois anos, lendo um trecho e abandonando-o aos sete anos, ou ainda permanecendo um longo tempo envolvido em sua leitura, o que revela apreço pela obra, após os doze anos.

O interesse, nesse sentido, torna-se a mola propulsora sobre a qual a vida psíquica irá se desenvolver. É por seu intermédio que a criança se aproxima de um objeto a fim de satisfazer uma necessidade, sendo, portanto, “um prolongamento das necessidades “e “a orientação própria a todo ato de assimilação mental” (PIAGET; INHELDER, 2007, p. 37).

Além disso, ele é um regulador de energia, pois mobiliza as reservas internas de energia. Assim, quando uma atividade parece interessante à criança, a fadiga diminui, facilitando sua realização. É em função disso que os professores, ao lidar com as crianças pequenas, precisam considerar seus interesses, suas necessidades, a fim de que as atividades logrem um rendimento melhor.

### O DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E DA ESCRITA

De acordo com Freire (1984), aprender a ler, a escrever, a alfabetizar-se é, inicialmente, aprender a ler o mundo, compreender o contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. Para ele, primeiro há a “leitura” do mundo, depois a leitura da palavra, para assim constituir a *palavramundo*<sup>1</sup>.

Como Martins (2003) ressalta, o ato de ler é usualmente relacionado com a escrita, e o leitor visto como decodificador da letra. Mas será que leitura é apenas decifrar signos, palavras? Se a leitura for entendida dessa maneira, como a atividade de decifração das ideias de um autor, não serão levadas em consideração as experiências, o pré-conhecimento já adquirido pela criança, a sua análise e interpretação, e ela seria vista como uma decodificadora de uma única mensagem contida no texto.

Como afirma Koch (2006, p. 7):

Em decorrência, postula-se que a leitura de um texto exige muito mais que o simples conhecimento linguístico compartilhado pelos interlocutores: o leitor é, necessariamente, levado a mobilizar uma série de estratégias tanto de ordem linguística como de ordem cognitivo-discursiva, com o fim de levantar hipóteses,

<sup>1</sup> O termo “*palavramundo*” está presente no pensamento político-pedagógico de Paulo Freire e se torna um conceito pleno sobre a palavra e a leitura como um campo que contempla os aspectos do discurso, da comunicação, da expressão e da linguagem que nos constitui como pessoas ativas na sociedade, articulando conhecimentos e saberes cotidianos com a aprendizagem da leitura e escrita (FREIRE, 1984).



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

LER E ESCREVER COM ESTILO: ATUAÇÃO DO PROFESSOR NO ENSINO FUNDAMENTAL II  
Eny Araújo de Paula Teófilo, Leonardo Barroso de Melo

validar ou não as hipóteses formuladas, preencher as lacunas que o texto apresenta, enfim, participar, de forma ativa, da construção do sentido.

A partir dessa ideia, pode-se sintetizar o conceito de leitura em dois conceitos: (1) decodificação mecânica de signos linguísticos, por meio de aprendizado estabelecido a partir do condicionamento estímulo-resposta (perspectiva behaviorista-skinneriana);

Ou (2) como processo de compreensão mais profunda, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, assim como culturais, econômicos e políticos (perspectiva cognitivo-sociológica)" (MARTINS, 2003).

Ambas as concepções são necessárias à leitura. "Decodificar sem compreender é inútil; compreender sem decodificar, impossível" (Idem, ibidem). A concepção de leitura precisa ser atualizada, não pode prevalecer a pedagogia do sacrifício, como denomina Martins (Ibidem), da obrigação, ou seja, a leitura não pode mais ser vista como um processo governado por regras e sim como um processo estratégico de atribuição de sentido ao texto, que necessita ser estudado, pois o texto só será compreendido e prazeroso quando o aluno perceber a relação entre o texto e o contexto. Mas ampliar a noção de leitura pressupõe que transformemos as visões de mundo em geral e também as que temos de cultura em particular (Idem, ibidem).

O ato de ler é interdisciplinar, se inter-relaciona com diversos aspectos ao mesmo tempo, sem enfatizar mais um ou outro. Ler é uma experiência individual, não possui limites demarcados pelo tempo para nos determos em sinais ou pelo espaço ocupado por eles (MARTINS, 2003).

A concepção de leitura mais ampla prega que o processo visa a construir significados para um texto em todos os seus aspectos emocionais, sociais, gramaticais, políticos, culturais, racionais, entre outros presentes em uma determinada sociedade.

O sucesso escolar de uma criança só se concretizará quando o verdadeiro processo de leitura for compreendido e empregado, adequadamente, pelos profissionais da educação, pois, na verdade, o leitor preexiste à descoberta do significado das palavras escritas (Idem, ibidem).

Segundo a autora, o leitor deve assumir um papel atuante nesse processo, pois sua leitura deve ultrapassar o texto, já que começa e se prolonga antes e depois dele. Certamente, há muitas maneiras de se ensinar a ler. O método é menos importante do que a verdade do que se ensina (CAGLIARI, 1988).

Paulo Freire afirma que ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. Mediante essa afirmação, se pode entender que esse processo/aprendizado se dá socialmente, apesar de desenvolver-se no convívio com os outros e com o meio circundante.

Embora se deva levar em conta que seja quem for o leitor, o ato de ler sempre estará ligado às condições de interação internas e subjetivas e das externas e objetivas, pois elas são fundamentais para desencadear e desenvolver a leitura (MARTINS, 2003).



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

LER E ESCREVER COM ESTILO: ATUAÇÃO DO PROFESSOR NO ENSINO FUNDAMENTAL II  
Eny Araújo de Paula Teófilo, Leonardo Barroso de Melo

### A LEITURA NOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

A partir da década de 1980, o foco sobre o entendimento do que é leitura foi intensificado. Inaugura-se uma nova corrente de reflexão e estudiosos se dedicam aos estudos relacionados à importância da leitura.

Em face aos resultados das avaliações feitas pelo Ministério da Educação, foram propostas diretrizes para que as ações educativas se tornassem mais eficazes que as tradicionalmente adotadas. Por isso, em conjunto com especialistas em 1998 elaborou-se os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que nortearam as metas e normatizações a serem cumpridas.

Embora se compreenda que os PCN tenham vários aspectos a serem observados, há que se lembrar de que eles se constituem em um documento em vigor no contexto educacional brasileiro. E quanto à leitura, mais especificamente, o PCN de Língua Portuguesa prescreve:

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que se sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita etc. Não se trata apenas de extrair informação escrita decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica necessariamente, compreensão (BRASIL, 1997, p. 41).

Para os PCN “a decodificação é apenas um dos procedimentos que se utiliza quando lê: a leitura fluente envolve uma série de outras estratégias [...]” (BRASIL, 1997, p. 41). Para Fernandes (2007), na atual sociedade brasileira a leitura é um dos requisitos essenciais da cidadania. O leitor competente será aquele que conseguir compreender o que lê e fazer relações com o que não está escrito verbalmente; ou seja, fazendo relações com textos já lidos e sua experiência de mundo.

Nessa direção, o leitor proficiente será aquele que além de decifrar códigos, consegue compreendê-los. Os indivíduos que vivem em sociedades letradas e precisam vivenciar práticas de socialização precisam desenvolver funções básicas de leitura para que possam participar de atividades de aprendizagem, diversão, religiosidade, utilidade, entre outros. “Saber ler e escrever tornou-se condição básica de participação na vida social, política, econômica e cultural do país” (FERNANDES, 2007, p. 14).

Segundo Silva (1999), a realização da leitura não nasce e se desenvolve devido a um dom, a leitura é prática social que se faz ao longo da vida. Para Chartier (2001), a leitura é uma prática social indissociável das demais práticas sociais. Desta forma, a formação de um leitor é complexa, muitas pessoas e instituições são responsáveis por esta formação: família, colegas, igreja, escola, entre outros, vivendo um processo de interações.

Apesar de vários aspectos a serem observados, os PCN vêm trazer importantes contribuições para a mudança de foco no estudo da língua, valorizando e priorizando o lado sócio interativo e contextualizado dela. “Não se trata de ensinar a falar ou a fala “correta”, mas, sim, as falas adequadas ao contexto de uso”. (BRASIL, 1997, p. 22).



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

LER E ESCREVER COM ESTILO: ATUAÇÃO DO PROFESSOR NO ENSINO FUNDAMENTAL II  
Eny Araújo de Paula Teófilo, Leonardo Barroso de Melo

A língua passa a ser vista como produção viva, dinâmica, tendo em vista uma prática social. Portanto, o ensino precisa ser significativo, para isso o ensino de conceitos deve acontecer por meio da interação entre o professor e o aluno.

[...] rompendo definitivamente com a segregação dicotômica entre sujeito que aprende e o professor que ensina [...] princípio apontado por Vygotsky e Piaget, ou seja, a aprendizagem se processa em uma relação interativa entre o sujeito e a cultura em que vive (COLELLO, 2007, p. 7).

Assim, a linguagem escrita passa a ser um novo salto no desenvolvimento humano, ou seja, ela “promove modos diferentes e ainda mais abstratos de pensar, de se relacionar com as pessoas e com o conhecimento” (REGO, 1995, p. 68). Desse modo, não somente a linguagem traz grandes atribuições ao crescimento cognitivo das crianças, mas, também, a linguagem escrita é de suma importância para o avanço das funções psicológicas superiores.

Embora os PCN discutam questões teóricas sobre sociointeracionismo, desenvolvimento cognitivo e linguagem, além de terem sugerido uma mudança de postura em relação ao trabalho com a leitura e a escrita nas escolas brasileiras, muitos professores ainda se perdem entre conceitos e correntes teóricas e apresentam dificuldade em “descobrir” o que fazer [...] (GUIMARÃES, 2011, p. 25).

Talvez isto se dê em relação à formação dos professores que em sua passagem pela academia não tiveram acesso às aprendizagens que valorizassem a leitura e a escrita em suas funções sociais.

Ao consultarmos à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Brasileira (LDB 9394/96), podemos perceber um artigo dedicado ao tema a formação do professor do ensino superior: “Art. 66 – A preparação para o exercício do magistério superior far-se-á em nível de pós-graduação, prioritariamente em programas de mestrado e doutorado” (BRASIL, 1996). Porém, precisamos que este título seja honrado na sua prática efetiva de ética e responsabilidade com a aprendizagem, uma vez que estão formando os futuros educadores formadores de leitores-escretores.

Para Cagliari (1998, p. 34) “[...] enquanto nossas escolas continuarem a formar mal nossos professores, a alfabetização e o processo escolar como um todo continuará seriamente comprometido”.

Não se pode mais oferecer para as crianças apenas lista de palavras, amontoados de frases sem pé nem cabeça, textos mal escritos, enfadonhos, estranhos, cheios de repetições, como “A vovó deu a uva a Olavo”, “O bebê bebe e baba” etc (CAGLIARI, 2006). Segundo o PCN de Língua Portuguesa, essa abordagem levou a escola a trabalhar com textos desvinculados da realidade, que só servem para ensinar a ler. “Textos que não existem fora da escola e, [...] em geral nem sequer podem ser chamados de texto, pois não passam de simples agregados de frases” (BRASIL, 1997, p. 35).

Precisamos repensar a prática de formadores do leitor-escritor. O professor que irá ensinar a ler e escrever precisa dar sentido àquilo que se pede que a criança faça. “Ensinar a escrever textos



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

LER E ESCREVER COM ESTILO: ATUAÇÃO DO PROFESSOR NO ENSINO FUNDAMENTAL II  
Eny Araújo de Paula Teófilo, Leonardo Barroso de Melo

torna-se uma tarefa muito difícil fora do convívio com textos verdadeiros, com leitores e escritores verdadeiros e com situações de comunicação que os tornem necessários.” (BRASIL, 1997, p. 34). Compreender que não se formam bons leitores oferecendo materiais de leitura empobrecidos.

Sarraf (2011, p. 181) alerta que: Desse ponto de vista, é preciso que o professor crie situações didáticas que possibilitem à criança vivenciar, na sala de aula, os usos sociais da escrita, compreendendo as características dos diferentes gêneros textuais, em situações comunicativas específicas e reais.

### O PAPEL DO PROFESSOR NA ALFABETIZAÇÃO ESCOLAR

O desenvolvimento da leitura de uma criança depende diretamente do meio em que ela está inserida (escola, comunidade), da sua orientação de letramento e do convívio com material escrito adequado.

A vida dos nossos alunos, no século XXI, está marcada, cada vez mais, pela leitura e escrita tanto das imagens e palavras que têm como suporte a televisão, o vídeo, o cinema, o computador etc., o que provoca novas maneiras de ser leitor e escritor e novas formas de estar, compreender e interferir neste mundo marcado pela cultura tecnológica.

O mundo convida-nos a realizar um tipo de leitura que se torna impossível no suporte do papel. Mundo esse em que o leitor pode saltar de um texto para outro de uma obra, por meio do recurso ao hipertexto, sem necessariamente seguir a ordem determinada pelo autor; pode avançar páginas, fazer aparecer ou desaparecer notas no mesmo plano do texto principal, quebrando, dessa forma, a noção de princípio e fim que a materialidade do livro impresso sugere, pode ler textos de várias fontes, quase que simultaneamente, abrir diferentes obras num mesmo ecrã, criando a possibilidade de "navegar" por diversos textos e fragmentos de textos, escolhendo os rumos da leitura (BIGNOTTO, 1998, p. 15)

Segundo Cagliari (1997, p. 12), o ensino da leitura e escrita é “a atividade escolar mais antiga da humanidade”, e por muito tempo foi entendida como simples junção de fonemas e grafemas B + A = BA.

Além de orientar as ações, o método traz implícito o objetivo que o professor pode atingir. Durante anos e anos a escola estabeleceu como meta o ensino de certa modalidade de leitura decorrente de um saber específico sobre o sistema alfabético.

Os métodos de alfabetização procuravam evidenciar uma característica exclusiva desse sistema que possibilita a transformação de sinais gráficos em sinais sonoros. Era essa a leitura que esses métodos se propunham ensinar. Mas os tempos mudam. Hoje, já poderíamos estar olhando, até com certa nostalgia, aqueles tempos em que bastava aquela ação rudimentar sobre o alfabeto para a escola cumprir a sua função: alfabetizar.

Encerrada no interior dos seus muros, a escola talvez não tenha percebido que a entrada do século XX anunciava a aurora de um novo tempo (BARBOSA, 1994, p. 43). Colello no livro de Rezende (2009, prefácio) relata que “nos aproximadamente 4.200 anos em que se escrevem neste



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

LER E ESCREVER COM ESTILO: ATUAÇÃO DO PROFESSOR NO ENSINO FUNDAMENTAL II  
Eny Araújo de Paula Teófilo, Leonardo Barroso de Melo

planeta, 70% da leitura tem sido feita por 10% da população mundial. Uma em cada quatro pessoas não lê sequer um livro por ano”.

Um dos múltiplos desafios a ser enfrentado pela escola é o de fazer com que os alunos aprendam a ler [...], pois a aquisição da leitura é imprescindível para agir com autonomia nas sociedades letradas, e ela provoca uma desvantagem profunda nas pessoas que não conseguiram realizar essa aprendizagem (SOLE, 1998, p. 32).

A visão mais tradicional de linguagem reduz a língua a um instrumento de codificação e decodificação, não levando em conta as situações reais de comunicação.

[...] em uma sociedade constituída em grande parte por analfabetos e marcada por reduzidas práticas de leitura e escrita, a simples consciência fonológica que permitia os sujeitos associar sons e letras para produzir/interpretar palavras (ou frases curtas) parecia ser suficiente para diferenciar o alfabetizado do analfabeto (COLELLO, 2007, p. 7).

A leitura dos textos solicitados, envoltos de uma abordagem tradicional de alfabetização, evidencia que o importante é só decorar e que os textos não precisam ter relação com a realidade.

O dever dos alunos é de responder aos questionários, não sobre o que entenderam, mas, sim, repetirem as palavras do autor. O aluno não precisa compreender basta decorar. “Parece que o espaço escolar para o prazer de ser, sentir, brincar, conviver, descobrir, errar, acertar, chorar e rir, enfim, como espaço e tempo de viver, não é dos mais recomendáveis” (TUMA, 2001, p. 117). “[...] há a predominância da escola como responsável pela restrição, pelo penoso disciplinamento temporal que proporcionará a vivência da experiência do presente em função do futuro” (TUMA, 2001, p. 116).

Para Juliá (2001, p. 22): “A cultura escolar desemboca aqui no remodelamento dos comportamentos na profunda formação do caráter e das almas que passa por disciplina do corpo e por direção das consciências”.

Na abordagem de ensino tradicional, o ser humano, de acordo com Mizukami (1986), é um sujeito passivo e receptor de informações, desprovido de qualquer conhecimento prévio e ensinado a viver por meio de alguém. Em outras palavras, o indivíduo é totalmente dependente de outra pessoa (professores, pais etc.) para aprender algo, pois a abordagem de ensino tradicional considera que a aprendizagem acontece por meio da repetição e reproduções de modelos pré-estabelecidos pelos adultos.

Do ponto de vista dos críticos, a escola tradicional transmitiu conhecimentos de forma volumosa, porém disciplinadora, rígida e autoritária. Ela já foi alvo de intensas críticas registradas em livros, filmes e canções. O estereótipo da escola endurecida é a separação rígida entre o mestre e os alunos, entre os momentos de seriedade e relaxamento, é a escola do palanque, do castigo e dos exames finais. O controle da conduta dos alunos é todo feito coercitivamente, pelo medo do fracasso e não pelo entusiasmo do conhecimento (MESQUITA, 2012).

Certamente, aprendemos a ler a partir do nosso contexto pessoal. E, por isso, temos que valorizá-lo para poder ir além. Entretanto, cada criança possui seu *ritmo* de aprendizagem, isto é, cada uma constrói seu conhecimento, apesar da metodologia aplicada ser a mesma.



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

LER E ESCREVER COM ESTILO: ATUAÇÃO DO PROFESSOR NO ENSINO FUNDAMENTAL II  
Eny Araújo de Paula Teófilo, Leonardo Barroso de Melo

Ao mencionar a palavra metodologia, nos referimos ao modo com que o professor desenvolve suas atividades de leitura, enquanto orientador, mediador entre texto e leitor e também promotor de uma intertextualidade organizada em torno da diversidade de textos que circundam socialmente o aluno.

É óbvio que nesse processo de aprendizado da leitura é necessária alguma orientação, instruções que auxiliem o aluno e não que o confundam, depreende-se aqui que esse seja o papel do professor – propiciar o ambiente e as atividades adequadas que possibilitem a interação dos alunos com o texto, com os colegas, com o contexto e com o professor.

A leitura precisa ser objetiva, consciente, racional, então ela não pode ser totalmente sensorial e nem só emocional, movida pelos sentimentos, deve ter sentido. Embora a leitura seja quase sempre, primeiramente, sensorial e logo após emocional, relaciona-se a uma questão própria de amadurecimento do ser humano (MARTINS, 2003).

O aprendizado da leitura pode tornar-se difícil, inacessível à criança, quando o professor não dá importância, por exemplo, a exposição da informação visual, isto é, dá pouca importância a um fator que facilitaria o aprendizado da leitura – fornecer ao aluno textos, cuja leitura não dependesse somente de informação linguística, mas pudesse agregar a ela sentido, tão importante para essa faixa etária.

Segundo Martins (2003, p. 28):

O que é considerado matéria de leitura, na escola, está longe de propiciar aprendizado tão vivo e duradouro (seja de que espécie for) como o desencadeamento pelo cotidiano familiar, pelos colegas e amigos, pelas diversões e atribuições diárias, pelas publicações de caráter popular, pelos diversos meios de comunicação de massa, enfim, pelo contexto geral em que os leitores se inserem.

Muitos autores acreditam que o aprendizado da leitura se adquire através da prática, ou seja, para uma criança aprender a ler é preciso ler. Isso é, em parte, verdadeiro. Nessa etapa da vida do aluno a intervenção de um professor competente é importante porque facilita a aquisição mais rápida e prazerosa da atividade da leitura.

O aprendizado da leitura remete a um processo gradativo, quando o aluno deve dar um passo de cada vez para conseguir ler textos mais complexos que requerem um conhecimento mais aprofundado, e esse conhecimento é facilitado somente com a interferência de um professor que lhe proporcionará atividades que facilitarão esse processo.

O professor irá escolher textos conforme critérios adequados à idade e ao conhecimento prévio da criança, pois é ela o agente que sinaliza se o professor pode avançar no processo. Destacamos aqui, como a principal maneira de facilitar esse processo de aprendizagem da leitura, a escolha dos textos a serem aplicados, pois é através deles que a criança garante a compreensão das informações e constrói novos sentidos.



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

LER E ESCREVER COM ESTILO: ATUAÇÃO DO PROFESSOR NO ENSINO FUNDAMENTAL II  
Eny Araújo de Paula Teófilo, Leonardo Barroso de Melo

### AS DIFICULDADES DA ALFABETIZAÇÃO ESCOLAR

Estudar o percurso seguido pelo processo de alfabetização ao longo dos anos é mergulhar no universo de imaginação e reflexão, que provoca ao mesmo tempo que esperança pelos avanços alcançados, certas angústias pelos desafios que ainda seguem.

Não é possível trabalhar a educação isolada do que acontece na sociedade. Quando Ferreiro (1996) cita que a alfabetização não é um processo individual, mas social, está implícito que a autora percebe que os acontecimentos sociais influenciam, como já falava Vygotsky (2007), na aprendizagem da criança, o que se torna algo desafiador para a escola, sobretudo para educadores, uma vez que a cada dia que passa a contribuição da família no processo se torna menor, aumentando a responsabilidade na escola.

Merece destaque também o fato de que, por mais que décadas tenham se passado, antigos métodos como o fônico ainda são vivenciados atualmente. E que tantos professores ainda pensem como antigamente, como registrado em Mortatti (2006), que o aluno deve aprender a ler as letras das palavras, pois é através do som que ele aprende a palavra. Isso depois de tantas décadas de estudo e de se ter percebido tantos prejuízos na educação como jovens que não conseguem interpretar o sentido de um texto, adultos que escrevem como leem, agindo de forma contrária ao pensamento de Ferreiro e Teberosky (1986) que falam que a aprendizagem deve se sobressair ao ensino.

Ainda sobre a influência social na alfabetização, Ferreiro e Teberosky (1986), em psicogênese da língua escrita, deixam claro que o processo de apropriação da leitura e da escrita da criança começa muito antes do que pensa a escola, além de seguir inusitados caminhos. Nessa perspectiva, não se admite um único método ou uma única estratégia de alfabetizar, como se as salas fossem homogêneas e aos alunos aprendessem da mesma forma e ao mesmo tempo.

E quando se questiona o fato de tantas escolas fracassarem no processo de alfabetização, deve-se refletir sobre a dificuldade que esses educadores têm de mudar sua forma de lecionar, de entender que seu aluno já possui um conhecimento prévio que precisa ser valorizado e continuam ministrando suas aulas como antigamente. A cerca dessa resistência dos docentes e do quanto contribui para o fracasso escolar Alvarenga, vem dizer:

Embora escrever e ler sejam comportamentos que ultrapassem de muito a aprendizagem das relações entre os sons da fala e as letras da escrita, essa aprendizagem, é, inegavelmente, o primeiro passo na formação desses comportamentos. Ora, é justamente nesse primeiro passo que tem fracassado a escola brasileira já que os altos índices de repetência se verificam na série em que se inicia a aprendizagem da língua escrita. (ALVARENGA *et al.*, 1989, p. 6).

O autor acima citado, concorda com Cagliari (1998) que trata em sua fala do fato de que o aluno não aprendia mais decorava, e é aí onde está o grande problema. Ainda sobre o decorava, não foram poucas as críticas de Ferreiro e Teberosky (1986) em relação à cartilha, principalmente por trabalhar com palavras soltas, descontextualizadas, mesmo assim, por incrível que pareça, mesmo sem as cartilhas práticas semelhantes ainda acontecem.



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

LER E ESCREVER COM ESTILO: ATUAÇÃO DO PROFESSOR NO ENSINO FUNDAMENTAL II  
Eny Araújo de Paula Teófilo, Leonardo Barroso de Melo

Diante de tantos questionamentos fica a pergunta sobre de que adiantou tanto estudo sobre o universo alfabetizador se ainda temos tanta dificuldade de conseguir fazer com que nossas crianças avancem nesse processo, contanto, nem tudo é negativo, muitos avanços ocorreram, a iniciar pelo fato de que, como relata Soares (2007), na época da cartilha havia método sem teoria, hoje temos a teoria sem método específico, cabendo a cada educador utilizar as melhores estratégias em suas salas de aula.

E além de tudo isso, temos que levar em conta, como menciona Ferreiro (2001), que a tomada de consciência para a alfabetização inicial, ou seja, de nossas crianças, é a única solução para o problema da alfabetização remediária, ou seja, na fase adulta.

### CONSIDERAÇÕES

Através deste trabalho, se enfatiza ainda mais como se deve incentivar a leitura, pelo menos em sala de aula, enquanto professores responsáveis e competentes como devem ser, pois é através da atitude do professor que se auxilia o aluno a conseguir realmente se desenvolver – aprender e, quem sabe, futuramente até ensinar, adquirindo o hábito da leitura.

Ler é um fenômeno que ocorre quando o leitor, que possui uma série de habilidades de alta sofisticação, entra em contato com o texto, essencialmente um segmento da realidade que se caracteriza por refletir outro segmento. Trata-se de um processo extremamente complexo, composto de inúmeros subprocessos que se encadeiam de modo a estabelecer canais de comunicação por onde, em via dupla, passam inúmeras informações entre o leitor e o texto.

De acordo com os objetivos propostos nesta pesquisa, entende-se que o professor é aquele que leva o aluno a se apropriar do conhecimento através dos conteúdos. Ele transmite os conhecimentos científicos, clássicos, curriculares e o aluno apropria-se dos conhecimentos numa relação de interação com o professor, com os conteúdos, com os colegas e com os conhecimentos prévios que ele também traz.

Constata-se que o professor precisa ir além dessa concepção. Ele precisa enxergar a aprendizagem da leitura como uma conquista de autonomia, que amplia horizontes da criança, mas que necessita de memória, comprometimento e obviamente acarreta alguns riscos. Estes últimos significam para o leitor, novas exigências, ruptura com a passividade, enfretamento de uma situação (MARTINS, 2003).

O conteúdo ativa o pensamento que amplia o desenvolvimento psicológico do aluno, que deve conhecer o meio e coletivamente buscar uma transformação da realidade, produzindo cultura. O professor, então, constrói mentes que constroem mentes que evoluem e modificam o mundo.

A possibilidade de reorganizar o processo de ensinar e aprender, muitas vezes, implica a desconstrução e reconstrução da prática pedagógica. Desta forma, pode-se deixar de ser apenas objetos, para ser sujeitos, reinventando, recriando, reconstruindo conhecimentos.



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

LER E ESCREVER COM ESTILO: ATUAÇÃO DO PROFESSOR NO ENSINO FUNDAMENTAL II  
Eny Araújo de Paula Teófilo, Leonardo Barroso de Melo

Na sociedade brasileira atual, o professor precisa reconhecer os limites de sua ação e, a partir deles, repensar sua prática profissional, passar a agir de forma mais objetiva e adequada com o seu meio, que está em constante transformação.

Os professores parecem estar presos a um conceito, a uma cultura ultrapassada. Devem ampliar o seu conceito de leitura, embora isso cause modificações em sua visão de mundo, em sua cultura, em sua maneira de pensar sobre tudo que os rodeia. Devem, sobretudo, perder o medo de errar e pararem de se esconder nos famosos testes de cruzinhas, que robotizam os alunos, tornando-os uma massa amorfa de seres não-pensantes.

Finalizando esta consideração, podemos dizer que se espera que os apontamentos aqui registrados possibilitem evidenciar embriões para a qualificação dos professores que trabalham com as séries iniciais e que formam leitores e escritores, permitindo apontar reflexões para possíveis redirecionamentos. Compreendemos que a leitura deste texto, assim como de outros, irá complementar, proporcionando elementos para redimensionar os pensamentos, criando novas ideias, como repensar, se for necessário, as atividades educativas dos professores.

### REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, D. *et al.* Da forma sonora da fala à forma gráfica da escrita: Uma análise linguística do processo de alfabetização. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 16, p. 5-30, 1989.
- BARBOSA, J. J. **Alfabetização e Leitura**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção magistério. 2º grau. Série formação do professor; v. 16)
- BIGNOTTO, N. Nota Metodológica: Guicciardini leitor de Maquiavel. **Discurso**, v. 29, p. 111-132, 1998
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Brasília: LDB, 1996.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: Secretária de Educação Fundamental, 1997. 41 p. Vol. 2.
- CAGLIARI, L. C. “**A Leitura nas Séries Iniciais**”. Leitura: Teoria e Prática. Campinas, SP. Revista Semestral da Associação de Leitura do Brasil; Mercado Aberto; Ano 7; Dezembro/1988 – N. 12.
- CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e Lingüística**. 10. ed. São Paulo: Scipione, 1997.
- CAGLIARI, L. C. **Alfabetização sem o ba, bé, bi, bó, bu**. São Paulo: Scipione, 1998
- CAGLIARI, L. C. Fonética: uma entrevista com Luiz Carlos Cagliari. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**, v. 4, n. 7, ago. 2006. ISSN 1678-8931; Disponível em: [www.revel.inf.br](http://www.revel.inf.br).
- CHARTIER, R. **Práticas da Leitura**. [S. l.: s. n.], 2001. 268 p. ISBN: 9788585865146
- COLELLO, S. M. G. **A escola que (não) ensina a escrever**. São Paulo: Summus Editorial, 2007
- FERNANDES, D. A avaliação das aprendizagens no sistema educativo português. **Educação e Pesquisa**, v. 33, 3, p. 581-600, 2007.



**RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR**  
**ISSN 2675-6218**

LER E ESCREVER COM ESTILO: ATUAÇÃO DO PROFESSOR NO ENSINO FUNDAMENTAL II  
 Eny Araújo de Paula Teófilo, Leonardo Barroso de Melo

- FERREIRO, E. **Alfabetização em Processo**. São Paulo: Cortez, 1996. 144p.
- FERREIRO, E. **Reflexões Sobre a Alfabetização**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein et al. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 1984
- GARCEZ, L. H. do C. **Técnica de redação: o que é preciso saber para bem escrever**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- GUIMARÃES, N. Da tradição gramatical à perspectiva dialógica: a linguagem como centro da prática educativa. *In: COLELLO, Silvia M. Gasparim (org.). Textos em contextos: Reflexões sobre o ensino da língua escrita*. São Paulo: Summus, 2011.
- JULIÁ, D. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. Trad. Gisele de Souza. São Paulo: Editora Autores Associados, 2001.
- KLEIMAN, A. **Oficina da leitura: teoria e prática**. Campinas, SP: Pontes, 1993.
- KOCH, I. V. **Ler e Compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.
- MARTINS, M. H. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- MESQUITA, G. R. Vygotsky and the theories of emotions: in search of a possible dialogue. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 25, n. 4, p. 809-816, 2012.
- MIZUKAMI, M. da G. N. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986. (Temas básicos da educação e ensino).
- MORTATTI, M. R. L. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**. Brasília: Conferência: Alfabetização e letramento em debate, 2006.
- PIAGET, J. Segunda parte: O Jogo. *In: \_\_\_\_\_ A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho – imagem e representação*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1978.
- PIAGET, J.; INHELDER, B. **A Função Semiótica ou Simbólica**. I: \_\_\_\_\_ A Psicologia da criança. 3. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2007.
- REGO. T. C. **Vigotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis: Rio de Janeiro, 1995.
- REZENDE, L. A. de. (Org.). **Leitura e visão de mundo: peças de um quebra-cabeça**. Londrina: Eduel, 2009.
- SAISI, N. B. O desenvolvimento da afetividade, segundo Piaget. *In: São Paulo (Estado). Secretaria da Educação. PEC Formação Universitária*. São Paulo: Secretaria da Educação, 2002. , p. 415-425.
- SARRAF, M. A. V. A aprendizagem e a língua escrita na perspectiva do professor alfabetizador. *In: COLELLO, Silvia M. Gasparim (org.). Textos em contextos: Reflexões sobre o ensino da língua escrita*. São Paulo: Summus, 2011.
- SEMEGHINI-SIQUEIRA, I. Desafios e soluções em ambientes de ensino e aprendizagem de língua materna para crianças de 6 anos. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 330-340, set./dez. 2011.



**RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR**  
**ISSN 2675-6218**

LER E ESCREVER COM ESTILO: ATUAÇÃO DO PROFESSOR NO ENSINO FUNDAMENTAL II  
Eny Araújo de Paula Teófilo, Leonardo Barroso de Melo

SILVA, E. T. da. O bibliotecário e a formação do leitor. *In*: BARZOTTO, Valdir Heitor. **Estado de leitura**. Campinas: mercado das Letras, 1999. p. 159-168.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Tradução: Cláudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

TUMA, M. M. P. **A escola e o tempo**. Londrina: Ed. UEL, 2001.

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.